

maço 6-57

~~19A~~
432-51

EM UMA FESTA DE CARIDADE VERSOS OFFERECIDOS

Ao Ex.^{mo} Snr. Administrador da Casa Pia d'Evora

ANTONIO MANOEL DE COUTO CANÇOZO

PELO EX.^{mo} SNR.

ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA

Musica de Vargas J.^{or}



77P
544/151

1

N'UMA FESTA DE CARIDADE

Poesia
de
Antonio de Macedo Papança

Musica
de
Vargãs Junior

(Recit.) Nós tinhamos por

Moderato

lecto algumas telhas rãs Por onde o arre-bel das lucidas ma-nhãs Penetrava a sor-

rir em fremitos su-aves No banquete da vida, entre os vergeis, lá fora, Cantava doida-

Esta musica deve dizer-se em quanto se recitam duas estrophes, podendo-se allerar o seu andamento para satisfazer as exigencias da recitação, sem prejudicar as duas composições. Vargãs J.

NB 446446

N'uma festa de caridade

Versos offercidos ao Administrador da Casa Pia d'Evora
pelo Ex.^{mo} Sr. Antonio de Macedo Papança

Nós tínhamos por tecto algumas telhas rãs,
Por onde o arrebol das lucidas manhãs
Penetrava, a sorrir, em fremitos suaves.
No banquete da vida, entre os vergais, lá fóra,
Cantava doidamente os madrigaes da aurora
A fresca inspiração das plantas e das aves.

Os orvalhos do ceo, em tremulos crystaes,
Constelavam de luz os toscos vegetaes;
Sentia-se o rumor dos valles e dos montes;
Os vagarosos bois mugiam tristemente,
E como a traduzir alguma dôr punjente,
Ouvia-se o chorar monotono das fontes.

Dormiam no silencio os passaros da noite—
—Os bandidos do ar— balidos pelo açoute
Dos rijos vendavaes. Abriam-se as papoulas,
Os lírios, os jasmims, os calices das rozas,
E occultos nos festões das balsas silenciosas,
Salpitavam d'amor os corações das rôlas.

O ceo, a terra, o mar, expandiam-se em festas;
Adorava-se a Deos no templo das florestas
E adorava-se a luz no espirito de Deos;
Era o consorcio ideal dos grandes elementos,
Desde os trinos da ave ao sibilar dos ventos,
Desde os fundos coris ao amplo azul dos ceos.

Nós eramos então uns pobres orfãosinhos
Desprezados e nus. Perdidos nos caminhos
Da fome, que vão dar ás fundas enxovias,
Passando pelo horrôr das provações punjentes,
Quimava-nos o sol dos longos dias quentes,
Gelava-nos o olhar das madrugadas frias.

Não riamos no mundo uma pessoa, alguém
Que nos chamasse "Filho!" e fosse nossa mãe
Para nos dar o amor, esta riqueza avára!
Engitados, (Senhor, que ironica tristez!)...
Até nos desprezou a propria natureza,
Roubando-nos as mãos que Deos nos destinára!

Viviamos então no fundo de uns casebres;
Quimava-nos a carne as pestilentas febres,
E a morte ia findar a nossa estranha vida,
Quando um dia em que nós prostrados de cansaço
Choravamos, alguém tomou-nos pelo braço
E entrou connosco, a rir, pelos umbraes da vida.

E a alegria, o futuro, o amor, a luz que brilha,
Neste quinhão geral também nos deu partilha:
Sentimos dentro d'alma os rouxinoes cantar,
Abriam-se da crença as petalas de neve
E depois d'isto tudo, a nossa vida teve
Dias d'um bello sol, noites d'um bom luar.

Hoje entramos também na festa universal;
Enchei, ó primavera, as urnas de crystal;
Vesti de verde e branco os alcantés de flores;
Estendei sobre a relva um río de borboletas
E que á noite, no espaço, os olhos dos planetas
Velem discretamente, o somno dos amores.

Não somos orfãos, não. A porta que vai dar
Ao Bem, á Claridade, está aberta. O mar
Indomito e cruel ondula mansamente.
Trocaram-se em Abris os rigidos Dezembros
O sol da Caridade aquece os nossos membros
E o espirito de Deos perfuma o nosso ambiente.

mente os madriões da aurora A fresca inspira-ção das plantas e das aves. Os ervalhos do

Ceo, entremulos crys-taes Constelavam de luz os toscos vege-taes Sentia-se o ru-

mor dos vales e dos montes Os vagarosos bois mugiam triste-mente E como a tradu-

xir alguma dôr pungente, Ouvia-se o cho-rar monotono das fontes.

